



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: O Povo

Data: 25/08/2019

Caderno/Link: <https://mais.opovo.com.br/jornal/opinioao/2019/08/23/confronto-das-ideias.html>

Assunto: Confronto de Ideias

CONFRONTO DAS IDEIAS

PUBLICIDADE PUBLICIDADE Edição 25 de agosto de 2019 ARTIGOS • Opinião Desde o início do ano, o Governo Federal aprovou a entrada de 290 agrotóxicos no mercado brasileiro. A medida poderá oferecer riscos à saúde dos consumidores? Maione Rocha de Castro Cardoso Professora da Uece, doutora em Desenvolvimento Sustentável e pos-doc em Econ. dos Recursos Naturais Sim A liberalização de mais de 270 agrotóxicos apenas em 2019 tem causado muita discussão e indignação na academia, órgãos de pesquisa e entidades nacionais e internacionais, que tratam das temáticas relacionadas com a responsabilidade socioambiental e a sustentabilidade. O uso desses venenos promete ganhos na produção, argumento dado à população prometendo baratear os produtos. Mas o barato sai caro para os pequenos agricultores, na maioria das vezes com pouco ou nenhum treinamento para usar os agrotóxicos, que são cancerígenos, causam problemas cardíacos, respiratórios e até a morte, segundo estudos da Fiocruz e UFC. É caro também para os consumidores que consomem produtos envenenados e não mais baratos, porque os agrotóxicos são usados principalmente na produção de soja, milho e trigo. Caro também para a natureza que perde os insetos do bem como abelhas e borboletas (polinizadores naturais) em relação aos insetos do mal (baratas e escorpiões) que se proliferam por causa do desequilíbrio natural e o lixo urbano. A nova classificação da Anvisa mostra uma orquestração no sentido de facilitar e ampliar o uso indiscriminado pelo agronegócio em detrimento dos trabalhadores. Apesar de ser uma classificação internacional, muitos desses agrotóxicos são proibidos na União Europeia e Ásia. A Anvisa mudará o grau de toxicidade para grau de mortalidade. Ora, muitos desses venenos não são letais no uso direto mas causam sérios danos que levam à morte. Em suma, a liberalização dos agrotóxicos e a mudança das regras de publicização pela Anvisa são irresponsáveis, perigosas e ferem fortemente a sustentabilidade sócio, econômica e ambiental. José Otavio Menten Presidente do Conselho Científico Agro Sustentável (CCAS), Engenheiro Agrônomo, pós-doc em Manejo de Pragas e Biotecnologia e professor Associado da [Esalq/USP](#) Não As pragas agrícolas causam, em média, cerca de 40% de redução na produção. Deve-se usar o MIP (Manejo Integrado de Pragas), priorizando-se medidas preventivas. Entretanto, destaca-se o uso correto e seguro de produtos fitossanitários ou defensivos agrícolas químicos e biológicos, como uma das medidas mais frequentes. Os produtos mais modernos são, em geral, melhores quanto a sua eficácia agrônômica e, principalmente, por apresentarem melhores características ambientais e toxicológicas. Seu uso se torna mais amigável, positivo e com menos efeitos colaterais. No Brasil, os defensivos só podem ser liberados após serem registrados. Este processo é extremamente rigoroso, desenvolvido por três órgãos: Anvisa/Ministério da Saúde, Ibama/Ministério de Meio Ambiente e Mapa/Ministério da Agricultura, após analisarem estudos toxicológicos, eco-toxicológicos e agronômicos, respectivamente. Só após serem aprovados pelos três órgãos é que o defensivo pode ser utilizado pelos agricultores. Assim, a liberação de mais produtos é benéfica e favorável para o agro. Isto não significa aumento de consumo: o agricultor só usa o defensivo quando as outras medidas de manejo de pragas não foram satisfatórias. E só pode adquirir o defensivo com uma receita agrônômica elaborada por um profissional habilitado. Sim, os novos produtos vêm para agregar a este importante setor que se destaca na economia do País. O aumento do número de produtos liberados significa avanço no agronegócio e, conseqüentemente, para a alimentação da população, com mais alternativas disponíveis para o agricultor, com preço menor devido a concorrência e com a disponibilidade de produtos mais modernos e baratos. Isto é sustentabilidade.

